

boletim



Sociedade Brasileira de Hepatologia

Polêmica na SBH:  
Onde fazer  
o Congresso  
Brasileiro de  
Hepatologia?

SBAD e SBH:  
tudo bem?

AASLD: O pãozinho  
da American



Editor-responsável:  
Mário Reis Álvares-da-Silva

Leia mais em [www.sbhepatologia.org.br](http://www.sbhepatologia.org.br)

**Presidente:** Henrique Sérgio de Moraes Coelho (RJ)  
**1º Vice-presidente:** Maria Lucia Gomes Ferraz (SP)  
**2º Vice-presidente:** José Carlos Ferraz Fonseca (AM)  
**3º Vice-presidente:** Francisco José Dutra Souto (MT)  
**Secretário-geral:** Mário Reis Álvares-da-Silva (RS)  
**Secretário-adjunto:** Jorge André de Segadas Soares (RJ)

**Tesoureira:** Letícia Cancela Nabuco (RJ)

**2º Tesoureiro:** André de Castro Lyra (BA)

**Representante AMB:** Edna Strauss (SP)

**Editor Boletim SBH:** Mário Reis Álvares-da-Silva (RS)

**Comissão de Admissão:** Henrique Sérgio M. Coelho (RJ), Fábio Marinho do Rego Barros (PE), Edmundo Pessoa Lopes Neto (PE)

**Editor Arquivos de Gastroenterologia:** Alberto Queiroz Farias (SP)

**Editor GED:** Paulo Lisboa Bittencourt (BA)

**Home Page:** Fábio Marinho do Rego Barros (PE)

**Concurso da Área de Atuação:** José Eymard de Medeiros Filho (PB), Maria Chiara Chindamo (RJ), Carlos Eduardo Brandão Mello (RJ)

**Conselho Fiscal:** Paulo Roberto Lérias de Almeida (RS), João Luiz Pereira (RJ), Roberto José de Carvalho Filho (SP), Giovanni Faria Silva (SP) e Rodrigo Sebba Aires (GO)

**Comissão de Pesquisa Clínica:** Maria Lucia G. Ferraz (SP), Renata de Mello Perez (RJ), Angelo Alves de Mattos (RS)

**Comissão de Residência Médica:** Raymundo Paraná (BA), Edna Strauss (SP), Angelo Alves de Mattos (RS), Cristiane Alves Villela Nogueira (RJ)

**Presidente Eleito:** Edison Roberto Parise (SP)

Créditos Boletim SBH

**Capa:** Charqueada São João, Pelotas, RS. **Todas as fotografias:** Mário Reis Álvares-da-Silva, exceto: página 5 (Orquestra de Teutonia) - Foto Rocha; página 10 - TV Gazeta; página 13 - SBI. **Arte-final:** VRA+ Comunicação. **Contato e sugestões:** marioreis@live.com



## Índice

- 2 Expediente da diretoria
- 2 Editorial
- 2 Créditos Boletim SBH
- 3 Seção Espaço Porta – SBH nas redes sociais
- 4 Seção Células Estreladas- SBAD e SBH
- 6 Seção Transporte Biliar – Polêmica: congresso de hepatologia
- 10 Seção Espaço de Disse – Themis e Ronnie Von
- 12 Seção Placa Ductal – Pequenas Histórias da Hepatologia
- 13 Seção Células de Kupffer – SBH Entrevista
- 14 Seção Arteria Hepática – Noctivagus
- 16 Seção Veia Porta – AASLD
- 18 Seção Zona 3 – Notícias SBH

## Editorial

Henrique Sérgio Moraes Coelho (RJ)

Aproxima-se o início de um ano muito importante para a Hepatologia brasileira. Em janeiro, na AMB, discutem-se novos critérios para especialidade e área de atuação. A SBH, defendendo a Hepatologia especialidade, será representada pelo presidente atual, pelo anterior - Raymundo Paraná, e pelo próximo, Edison Parise, além de Edna Strauss. Independentemente do resultado da reunião, continuaremos a trabalhar no projeto de um novo Programa de Residência em Hepatologia, em complementação à residência em Gastroenterologia, Clínica Médica ou Infecção.

O ano de 2012 será ainda rico em eventos em todas as regiões do país, com o patrocínio da SBH. Dois novos eventos serão realizados no segundo semestre: o Simpósio de Hepatologia do Nordeste e o Fórum do Jovem Pesquisador cujo objetivo é a apresentação pelos jovens pesquisadores de seus estudos, teses e artigos recém-publicados. Não há limite de idade (todo pesquisador é jovem) para apresentação dos trabalhos, mas queremos priorizar aqueles que estão iniciando na carreira de pesquisador. Um levantamento dos cursos de pós-graduação e grupos de pesquisa está sendo feito por Maria Lucia Ferraz e Renata Perez. Reuniões monotêmáticas estão planejadas, tanto como eventos isolados ou como cursos pré-congresso de eventos, como Esteato-hepatites na Semana de Fígado do Rio de Janeiro (coordenação de Edison Parise e Helma Cotrim), Fibrose e Elastografia Hepática no HepatoAids (coordenação de Paulo Abrão e Ana Carolina Cardoso), Doenças Vasculares do Fígado no

Hepatologia do Milênio (coordenação de Raymundo Paraná), além de Carcinoma Hepatocelular no Joint Meeting e outros sobre Hepatite B e uso de agentes antivirais diretos na Hepatite C.

O ano de 2013 será o ano mundial do câncer do fígado. A SBH promete apoiar os eventos com essa temática e está se empenhando em fazer uma reunião específica no Brasil em parceria com a World Gastroenterology Organisation e seu presidente Henry Cohen, discutindo a experiência nacional na área. Estamos ainda planejando levantamento epidemiológico sobre cirrose no Brasil, sob a liderança de Juliana Carvalho, hepatologista da UFRJ e da Fiocruz, com o auxílio da Escola de Saúde Pública da Fiocruz. A SBH fará ainda o primeiro registro de tratamento da Hepatite C em nosso país e que irá incluir todos os pacientes tratados com DAAs na rede pública e/ou em âmbito particular, visando conhecer a experiência nacional. Dois livros acerca da interação do fígado com as doenças sistêmicas estão em fase de planejamento, e muitos dos associados serão convidados a participar com suas experiências.

Peço a todos que participem destes projetos para 2012 com otimismo e esperança. Otimismo que acredita que todos os projetos darão certo e esperança de que o aprendizado nos tornará mais capacitados e humanos para mudar a vida e a saúde dos que precisam de nós. Feliz 2012!



## A SBH nas Redes Sociais

Fábio Marinho (PE)

Já pensou poder exprimir suas ideias para mais de 720 milhões de pessoas no mundo, e de graça?! Esse é o poder que se tem com o advento das redes sociais, mais notadamente com o Facebook. A SBH criou um perfil no "Face", como ele é conhecido pelos íntimos, em meados de 2011. Desde então, vem crescendo o seu número de seguidores (ou "curtidores", como são chamados aqueles que adicionam algum perfil ao seu próprio).

Obviamente que ainda não chegamos à cifra de 720 milhões de seguidores. Nas últimas semanas, no entanto, temos mantido uma média de 130 usuários ativos e 172 pessoas que "curtem" artigos, ideias, colocações e divulgação de eventos científicos. E se imaginarmos que, de acordo com um estudo da Universidade de Milão e do próprio "Face", todos estamos conectados a qualquer outra pessoa no mundo por 4,7 graus de separação, através de pessoas que conhecem pessoas (e não mais 6 graus como se pensava), podemos, desde já, avaliar o potencial que essa rede nos proporciona para propagar nossa Sociedade e suas informações.

Meu trabalho tem sido alimentar a rede com informações relevantes sobre doenças do fígado, eventos da SBH e encontros internacionais, divulgando a Hepatologia como especialidade, sua correlação íntima com outras especialidades e salientando e demonstrando seu valor. Nossa gerente, Ana Paula Firmino, tem me ajudado bastante nessa tarefa, e temos a ideia para 2012 de dinamizarmos ainda mais o perfil da sociedade.

Em meados do ano de 2011, começamos também a participar do site da SBH na internet. Passamos de 4.846 acessos mensais em janeiro de 2011 para 8.752 em novembro do mesmo ano. Temos, atualmente, 1.324 usuários cadastrados que utilizam o portal. Há usuários médicos e não médicos. Estes utilizam bastante o canal "Fale com a SBH", onde respondemos algumas dúvidas que surgem sobre Hepatologia. Na área médica o maior sucesso são os Webcasts, onde podem ser acessadas as aulas das reuniões de expertos, que você pode assistir quantas vezes quiser. Estamos programando novidades para o ano de 2012.



Contamos com todos vocês para "curtirem" o perfil da SBH no "Face" e fazer comentários, críticas, sugestões e divulgações de eventos ou assuntos relevantes à Hepatologia. Além disso, sugiro uma visita ao site da Sociedade. Vale a pena! «





Mário Reis Álvares-da-Silva (RS)

X SEMANA BRASILEIRA DO APARELHO DIGESTIVO, García-Tsao, Guadalupe, presidente da AASLD, recém-chegada de muitas horas de voo, virou para o lado sorrindo e me disse, compreensiva, “vai ter pouca gente”. E assim foi. Conferência. Hipertensão portal. Grande aula. Seus estudos originais desfilando, mostrando como seu nome está ligado a marcos do controle da mais precoce e mais importante complicação da cirrose. Menos da metade do anfiteatro, bem menos, um terço? Constrangimento. Lá pelas tantas, 18 minutos transcorridos, a porta dos fundos não parava fechada: o público entrando..., 20, 25, 28, movimento intenso. Guadalupe agradeceu, encerrei a conferência, deixamos para trás o anfiteatro cheio. Ainda pudemos ouvir o início da mesa redonda sobre ... colites! X SBAD, Associação Leopoldina Juvenil, jantar dos palestrantes, 600 pessoas distribuídas no salão imponente. Boa comida, muito espumante, as gurias loiras da Orquestra de Teutônia cantando em meio aos metais e saias justas. A pista lotada, gastroenterologistas, cirurgiões, os híbridos endoscopistas, esvaziando rapidamente à medida em que o horário pouco avançava. No final, somente nós, hepatologistas, restamos na pista, brindando à vida, ritmados e à vontade. Entre colites e danças, muito Helicobacter e pouco HCV, assim foi a X SBAD. A SBH oficialmente fora do principal congresso brasileiro das ciências gastroenterológicas. O fígado como um apêndice, um a mais. Ele e sua especialidade-mãe em rota de colisão. Onde começou o conflito? Onde começou o confronto? Preocupada, e muito, a mãe, animado, e muito, o filho. A X SBAD mostrou que se a convivência é possível, saudável e bem-vinda, o público é muito diferente. Galizzi e Angelo e suas aulas em meio às dúvidas de consultório em Gastro, fim de domingo, plateia atenta e o enorme anfiteatro sem lugar para mais ninguém. Eixo Fígado e Intestino, aula conceitual, lotou, gente de pé. Questão de adaptação: nosso conteúdo ao paladar do tubo. Por



outro lado, problemas, mesa-redonda sobre HCV, público mediano e morno, apático, nem parece que os inibidores de protease estão por aí aturdindo o conhecimento. Ainda pior, Células-Tronco em Hepatologia - 20 pessoas para ouvir a linda aula de André Lyra, encerrando o congresso, só pelo horário um convite ao absentismo. Públicos distintos, interesses diversos. A decisão de manter o Congresso Brasileiro de Hepatologia em troca de abdicar da SBAD jamais pareceu tão correta.



“Tudo errado, mas tudo bem”, houve fígado na SBAD. “Tudo quase sempre como eu sempre quis”. A programação de fígado, gestada com carinho até o fim de maio, depois (surpresa!) acomodada, recortada ou o termo que quiserem (Onde a encefalopatia? Uns tanto e uns tão pouco?), reuniu Henrique Sérgio, Edna, Sandoval, Lyra, Victorino, Parise, Claudia, Helma, Nelma, Esther, Leila, Mario Pessoa, Maria Lúcia, Dominique, Cançado, Suzane, Alberto, Brandão, João Luís, Paulo de Tarso, Themis, Marroni, Ajácio, Hugo, Terra, Arroyo, entre outros. Sob fogo cruzado, clima tenso, campo minado, velhas amizades rasgadas. Na terra do chimarrão, tivemos o gostinho e demos o gostinho, às vezes bom, às vezes amargo.



A X SBAD foi um grande sucesso. Novembro de 2011, primavera em Porto Alegre, mais de 4.500 participantes, 29 convidados estrangeiros, área de exibição digna de congresso internacional, o Centro de Eventos da FIERGS, moderno e espaçoso, o lugar ideal para acolher tamanho público com absoluto conforto. Motivo de orgulho! - parabéns, Galvão! Meses antes, Salvador, 1.500 participantes, 27 convidados estrangeiros, beira-mar, conteúdo pro-

fundo, o Congresso Brasileiro de Hepatologia foi igualmente um enorme sucesso. Também ele motivo de imodesto orgulho - parabéns, Paraná! Guardadas as proporções, DDW e AASLD nos Estados Unidos, SBAD e Hepatologia, no Brasil. Que espetáculo! Este é um país que tem capacidade para sediar apartados por apenas 60 dias dois belos congressos.



Capital Inicial fechou a SBAD no Pepsi on Stage, lotado e confortável, que ar-condicionado funcionando é pré-requisito da civilização. “Tudo errado, mas tudo bem, tudo quase sempre como eu sempre quis, sai da minha frente que agora eu quero ver... as ruas têm cheiro de gasolina e óleo diesel...” Plateia feliz, muitos gastroenterologistas, raros hepatologistas - sim, Dominique estava lá, no gargarejo, Claudia-de-vermelho, também - Guadalupe não foi, cansada. Se os caminhos futuros do tubo e do fígado serão mais ou menos explosivos, se o fígado na SBAD deu certo e deu errado, se outra SBAD já se avizinha no calor de Fortaleza, 2012, e a SBH no Rio, em 2013, promete, é tocar adiante. “Sai da minha frente que agora eu quero ver...” - somos duas e somos grandes, especialidades adultas, afins e próximas. O filho saiu de casa, e foi bom ter saído. «

Polêmica na SBH

# Onde fazer o Congresso Brasileiro de Hepatologia?

*O Boletim SBH, atento, notou que um movimento surge a favor da desvinculação da sede do Congresso Brasileiro de Hepatologia do estado de seu presidente. Francisco Souto e Edna Strauss aceitaram o desafio de estimular a discussão, defendendo seus pontos de vista. Colegas de todo o Brasil foram convidados a opinar. Confira abaixo o resultado e prepare-se para ampliar este debate em breve.*

## *Mudanças a partir de 2017?*

Francisco Souto (MT)

Nosso último congresso, além de sucesso de crítica e público, trouxe uma nova dinâmica para nossa Sociedade. Com seu crescimento e projeção, surgiu mais de um membro interessado em presidi-la. Era previsível. O consenso é mais difícil com nosso atual número de associados. Na mesma lógica que nos levou a ter a primeira eleição para a presidência da SBH com mais de um candidato, outras questões não consensuais se farão presentes em nossas vidas associativas. Uma delas é a vinculação da sede do congresso à decisão presidencial. Proponho que em nossa próxima Assembleia Geral, revisemos essa questão.

Apesar de ter hoje abrangência nacional, a SBH, por muito tempo, foi composta por médicos sediados principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife. Evidentemente essa é uma consequência do maior e mais antigo desenvolvimento da Hepatologia nos maiores centros do país. A maior parte dos presidentes veio dessas cidades, e a maior parte dos congressos aconteceu em seus estados. Não poderia ser diferente. Devemos a SBH pujante que temos hoje ao pioneirismo desses líderes. Não estou menosprezando o papel e a importância de mestres de outros estados. Falo em quantidade de qualidade.

É líquido e certo que temos muitas outras cabeças brilhantes nesses locais tradicionais, que podem aspirar ao comando da SBH nos próximos anos, com todo o direito e mérito. Embora ninguém questione a justeza de que esses colegas venham a presidir a SBH, pergunto: quando a SBH visitará, com seu principal evento, cidades, como Belém, Brasília, Fortaleza, Manaus ou Natal, dentre outras? Essas cidades já apresentam, há muito tempo, estrutura para sediar nosso congresso. É justo que a Amazônia, nossa região de maior incidência relativa de todas as hepatites virais, nunca tenha sediado um congresso da SBH nesses 42 anos e 21 edições?

Talvez não haja entre nossos membros das cidades ainda não contempladas, alguém que aspire presidir a SBH. Ou que não se sinta confortável para se candidatar, considerando que outros colegas dos grandes centros teriam prioridade. Mas esses membros poderiam sentir-se satisfeitos de sediar o congresso da SBH. De levar para suas regiões a excelência de nossa Sociedade. Nada impediria os aspirantes à presidência de candidatarem suas cidades ou estados. O que mudaria é que outros colegas, que não pretendem a presidência, estariam autorizados a oferecer aos membros da SBH outra opção que não os estados que já tiveram tantos de nossos congressos.

O 22º Congresso da SBH ocorrerá no Rio de Janeiro, em 2013. O 23º ocorrerá em 2015, em uma cidade paulista. Proponho que a Assembleia Geral que ocorrerá em 2013, além de escolher o presidente que assumirá em 2015, possa escolher, de forma desvinculada, a cidade onde ocorrerá o congresso de 2017.

## Seria interessante para a SBH dissociar a sede de seu congresso de seu presidente?

Edna Strauss (SP)

As sociedades médicas de especialidade têm em seus congressos o ápice de suas atividades. Isso não é diferente com a SBH, que vem conquistando a cada biênio um “status” mais elevado. O sucesso do congresso é mensurável pelo número de participantes e pelo aporte financeiro trazido à sociedade, além da excelência científica. Assim, a escolha do local de sua realização deve ser a mais adequada possível, para propiciar o contínuo crescimento da associação. O presidente e sua equipe têm as melhores condições de fazer um congresso de sucesso. É possível ao presidente delegar essa função a pessoas de sua confiança em outras cidades do seu Estado ou mesmo de outra região? Seria esta a proposta apresentada? Neste caso, delegando a outros, a responsabilidade final sempre recai sobre seus ombros. Ou questiona-se a possibilidade de fazer congressos em cidades turísticas das diferentes regiões do Brasil com equipes locais, eventualmente com pouca experiência? Considero esta última atitude bastante arriscada. O exemplo de nossa irmã FBG talvez seja o modelo proposto, quando ocorrem disputadas eleições para diferentes locais. Sou totalmente contra a aceitação desse modelo para a SBH. Tendo participado da comissão organizadora da FBG em dois eventos, constatei as dificuldades inerentes a esse método. Vejamos como esse tema tem evoluído no exterior. Nos Estados Unidos, onde todos os membros da AASLD já votaram contra determinada cidade (Dallas) para sediar seu congresso, atualmente as mudanças de local são raras, obedecendo critérios técnicos e estratégicos. A experiência da EASL é semelhante. Embora a cidade ou nacionalidade do presidente não sejam importantes, os locais dos congressos são muito restritos, analisando-se todas as possibilidades de sucesso ou não, por critérios técnicos e não eleitorais. Na experiência da Associação Latino-Americana (ALEH), diferentes presidentes tiveram a opção de fazer o congresso em seu país ou permiti-lo e apoiá-lo em outro local, de acordo com conveniências da época. Assim, fui secretária do Prof. Gayotto que, como presidente da ALEH fez seu congresso na Colômbia, em 1988. Posteriormente, quando fui presidente da SBH (2003-2005), fiz na Bahia um congresso da IASL + ALEH, tendo esta última um presidente colombiano. Por outro lado, como presidente, pude realizar em São Paulo o Congresso da ALEH, em 1998 e o da SBH em Campos do Jordão, em 2005. Portanto, gostaria de deixar bem claro que sou favorável à flexibilização de regras. Finalizando, considero que o presidente deve ter a opção de decidir, com sua equipe, o melhor local para a realização do Evento, de preferência utilizando critérios fundamentalmente técnicos, que visem o melhor para o associado e para a SBH.

*“Sou a favor de rodízio entre uma das cidades de cada uma das seguintes regiões: Norte-Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. As cidades seriam fixas, e deveriam ter massa crítica de hepatologistas, bom acesso aéreo e local com infraestrutura adequada para o evento”.*

Heitor Rosa (GO)

*“Não vejo impedimentos em deslocar o congresso para um estado diferente daquele que ocupa a presidência da sociedade. Seria uma forma de ampliar a abrangência da SBH”.*

Alberto Farias (SP)

*“Tema palpitante, vai gerar belo debate. Ouro Preto (MG) e Campos do Jordão (SP) tinham infraestrutura precária, transfer interminável e logística difícil. Prefiro capitais com know-how estabelecido para eventos de porte”.*

Marcelo Costa (DF)

*“O congresso deve ser sediado em uma cidade indicada pelo presidente e sua diretoria, com base em adequações técnicas. Por outro lado, ainda não temos um congresso com 8000 pessoas, quando aí sim teríamos dificuldades em muitas cidades do país”.*

Rosângela Teixeira (MG)

*“Interessante variar o local do nosso congresso, mesmo fora do estado do presidente. Mantém a ciência, dá injeção financeira para outros locais e cultura geral para os associados”.*

Dominique Muzzillo (PR)



Responda rápido às perguntas do Boletim SBH:

O Congresso Brasileiro de Hepatologia deve ser sediado sempre em uma cidade do estado do presidente?

O Congresso Brasileiro de Hepatologia deve ser sediado, assim como o americano e o europeu, em apenas 2 ou 3 cidades do país?

Vários colegas responderam. Veja se sua opinião concorda com a maioria.

Associado (UF)	Eu quero o Congresso da SBH	
	Sempre no estado do presidente	Apenas em 2 ou 3 cidades do país
Adalgisa Ferreira (MA)	Não	Tenho dúvidas
Alberto Farias (SP)	Não	Tenho dúvidas
Américo Silvério (GO)	Não	Não
Carlos Eduardo Brandão-Mello (RJ)	Não	Não
Cirley Lobato (AC)	Não	Não
Cláudia Ivantes (PR)	Sim	Não
Cristiane Tovo (RS)	Sim	Não
Dominique Muzzillo (PR)	Não	Não
Fábio Marinho (PE)	Sim	Não
Heitor Rosa (GO)	Não	Sim
Marcelo Costa (DF)	Não	Não
Mario Reis Álvares-da-Silva (RS)	Não	Não
Plínio Bernardini (SP)	Não	Não
Rodrigo Sebba Aires (GO)	Tenho dúvidas	Não
Rosângela Teixeira (MG)	Não	Não



# Themis & Ronnie Von

Mário Reis Álvares-da-Silva (RS)

“As mulheres, hoje, não aceitam mais ser apenas espectadoras. Exigem participação no vasto cenário da comédia humana como atrizes e (dedo em riste, sorriso no olhar, levantando a voz) diretoras de cena!” Citando o psicanalista gaúcho Cyro Martins, Themis Reverbel da Silveira, à vontade e elegante, vestido bicolor e um belo colar de pérolas, encheu a tela. “O espaço do homem era o público. Da mulher, o privado. Há um dito crioulo no Rio Grande do Sul, um pouco chulo: homem e cachorro é na rua; mulher e gato, dentro de casa. É contra isso que a gente se rebela”.

TV Gazeta, Todo Seu, Ronnie Von a apresentara pouco antes: “No mundo da ciência, curioso e enigmático, uma doença se torna uma obstinação. Cursei Medicina na década de 60. Uma das pioneiras no atendimento a crianças com doenças no fígado, esta gaúcha de São Gabriel é uma das maiores pesquisadoras brasileiras e está relacionada à descoberta das causas da atresia biliar”. Educados, vozes macias, trocaram amenidades, comentaram os anos de estudo, a amizade em comum com “Flair (Carrilho), grande botânico e hepatologista”, disse Ronnie Von, o colégio interno em Porto Alegre, os estudos de música clássica e o teatro amador, as faculdades de Artes Dramáticas e Medicina. “Perturbadíssima, fiz os dois cursos por longo tempo, mas lá pelas tantas estava achando o curso de Medicina meio chato, árido... não tinha contato com pacientes. No terceiro ano, interrompi o curso e fui para a França porque era fascinada pela Idade Média. Em Paris, eu vi meus primeiros pacientes. Lá decidi fazer Medicina”. Articulada, dona da cena, falando em puro portoalegrês, Themis fez um passeio por sua carreira. Londres, Toronto, genética, transplante, a homenagem de seus alunos ao completar 70 anos. “No Hospital de Clínicas de Porto Alegre, modelo de hospital universitário em todo o país, quando eu propus um programa infantil de transplante de fígado, riram de mim” (em 1995, foi feito o primeiro transplante infantil do Sul do país, lá mesmo, no Clínicas). “Mãe, mulher, médica, profissional, professora, pesquisadora, tudo junto. Dá pra conciliar? (rindo) – a gente vai fazendo!” Não se conteve ao falar do zebrafish, sua paixão mais recente, entusiasmada: “É o melhor modelo para estudar as doenças humanas”. Comentou a aposentadoria, positiva: “Tanto plano, tanta coisa pra fazer. Tenho muitos sonhos”. Falou em iniciação científica, verbas para pesquisa, projetos. “Adoro ser professora. Gosto de ter jovens perto”. “Nunca se teve tanto dinheiro para pesquisa no Brasil. Vamos muito bem. O Centro de Pesquisa do Clínicas de Porto Alegre, orgulho da minha vida, foi feito com dinheiro da FINEP, CAPES, CNPq. Tenho orgulho do Brasil”. “Eu queria a Medicina Translacional mais próxima do médico clínico, que precisa se abrir para o mundo vasto e maravilhoso do silêncio do laboratório”. A inspiração em Janus, deus dos portões e portas e suas duas faces mirando em direções opostas, “no presente, o cuidar dos pacientes; para o futuro, a pesquisa”. Sorrindo, Ronnie Von acertou em cheio: “Esta tua inquietação juvenil, esta dubiedade, é que te deixa com esta carinha de menina”. Para quem não viu, está no YouTube. Uma aula! E não é conversa de fã. «

Pequenas Histórias da  
Hepatologia

# Futebol e Livros no Sertão

Victorino Spinelli (PE)

No início do século XXI (e lá se vão alguns anos), convidado por um ex-residente para falar de Doença Hepática Alcoólica em um congresso de Endocrinologia, lá me fui para Serra Talhada, alto sertão de Pernambuco, terra de Lampião - Rei do Cangaço. O congresso foi muito bom. Catinga, seca, calor, o almoço de encerramento no Iate Clube ... beira do açude! Melhor ainda o desafio: jogo de futebol contra um time da cidade. Só havia um problema: não havia levado material apropriado. De passagem, avistei uma loja. Comprei uma chuteira, um par de meiões, um calção, mas, em respeito à artrose, precisava de uma joelheira. "Está em falta, doutor, mas lá no topo daquela ladeira há uma livraria que com certeza tem". "Livraria?" Sem muita opção subi a ladeira, entrei na livraria, comprei a joelheira e fiquei pronto para a peleja. "Livros, o senhor tem?" "Não, senhor, este artigo não vendemos!" O jogo de futebol, este foi cancelado, mas não me esqueço de Serra Talhada, e muito menos da Livraria Ronnie Von! «

SBH entrevista

## Marcelo Simão Ferreira



**Boletim SBH:** Infectologista e hepatologista de formação. Visionário? Dá pra usar este termo? Conta como tudo começou?

**Marcelo:** Sempre fui apaixonado pela medicina; meu pai é médico e isto contribuiu na minha escolha. Durante o curso, nas disciplinas de Microbiologia e Parasitologia, nasceu a minha paixão pela Infectologia. Também gostei bastante de Gastroenterologia, em especial, das doenças do fígado. Quando terminei o curso, sem dúvidas, residência em Doenças Infecciosas e Parasitárias (não havia o termo Infectologia) no Hospital das Clínicas da USP. Hepatites e esquistossomose me interessavam muito e fui incentivado a aprofundar os estudos do fígado por alguns professores, e o apoio de meu verdadeiro mestre, o Professor Luiz Caetano da Silva. Meu terceiro ano de residência foi em Gastroenterologia, estudando as mais diversas doenças do fígado e, em particular, a cirrose e suas complicações.

**Boletim SBH:** Cirrose? Porque não mais apenas as doenças infecciosas?

**Marcelo:** Estudar apenas as hepatites sem conhecer as outras doenças do fígado é inconcebível. Eu queria saber tratar também ascite, encefalopatia, por isso fui para este terceiro ano. O conhecimento das duas especialidades - a Hepatologia é uma especialidade! - permitiu a mim compreender melhor o envolvimento do fígado em outras doenças, como leptospirose, leishmaniose visceral, malária e, depois, na infecção pelo HIV.

**Boletim SBH:** Ou seja, desde o início não quis ser um "hepatitólogo". Como vê hoje este especialista: um hepatologista manco ou uma necessidade do mercado?

**Marcelo:** O "hepatitólogo" é um hepatologista manco e também um infectologista manco. O infectologista tem que ser um bom clínico e saber manusear diversas condições, outras que não as infecciosas. Mas a escassez de hepatologistas, sim, forçou muitos infectologistas a atenderem portadores de hepatites virais.

**Boletim SBH:** Consegue separar o Marcelo infectologista do hepatologista? Quem é o mais atuante?

**Marcelo:** Não há como separar, e sou atuante em ambas, inclusive na faculdade.

**Boletim SBH:** O professor (titular) dá mais aula de fibrose hepática ou de doenças infecciosas?

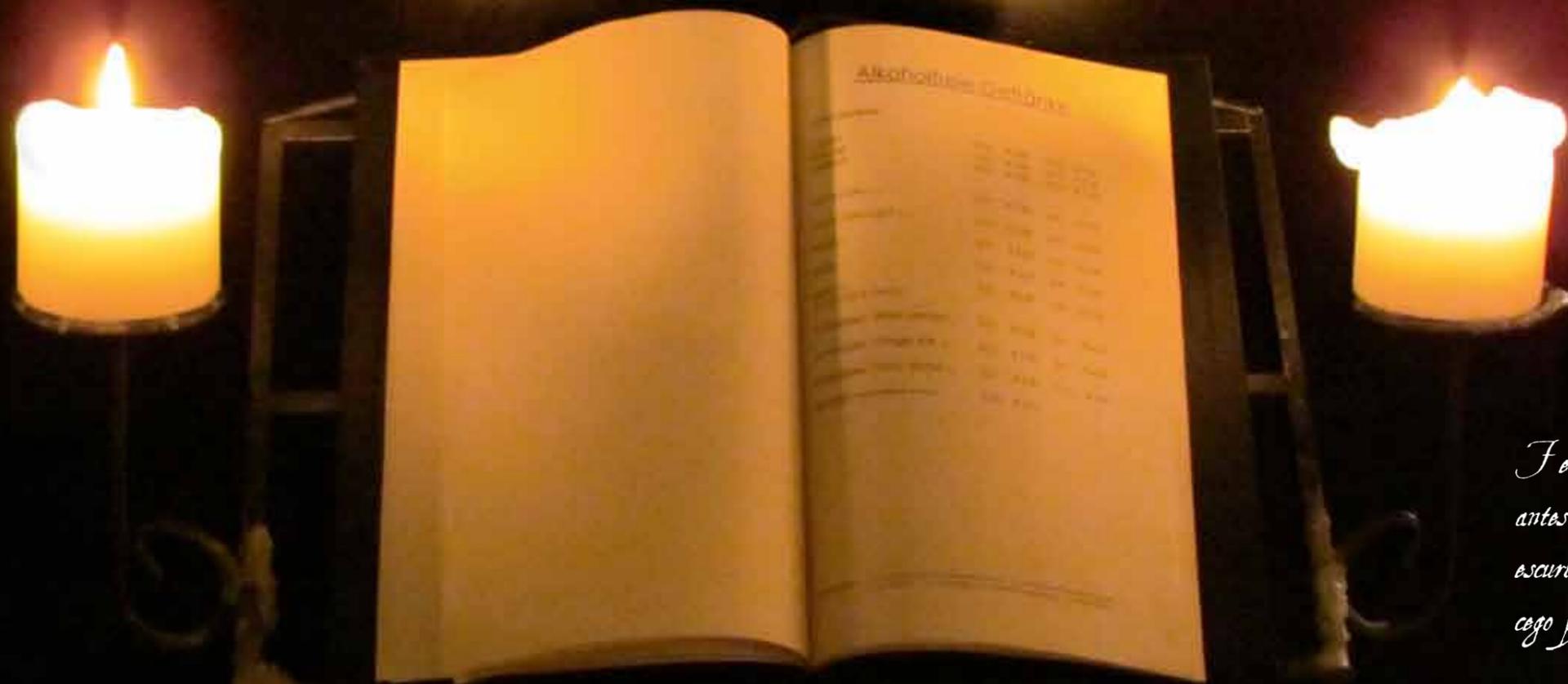
**Marcelo:** A leishmaniose Visceral, em expansão no nosso país, e também a esquistossomose provocam fibrose hepática. Falo de fibrose nas aulas de Infectologia e de Hepatologia. Na clínica privada, no entanto, o hepatologista ganha: 60 a 70% dos meus pacientes são hepatopatas.

**Boletim SBH:** Circulando entre infectologistas e hepatologistas, alguma discriminação?

**Marcelo:** No início da carreira, sim. Perguntavam "o que este infectologista está fazendo aqui". Com o tempo, fui fazendo amigos, como a Profa. Edna Strauss e o falecido Prof. Gayotto, e hoje me sinto à vontade nas duas sociedades.

**Boletim SBH:** Bate-pronto: SBI ou SBH?

**Marcelo:** Ambas!



*Feche as alhas por 30 segundos  
antes de prosseguir. Observe a  
escuridão. Prepare-se. Você ficará  
cego por curto tempo. Cego!*

## *Dominique Saramago - correspondente em Berlim*

*Dominique Muzzillo (PR)*

Feche os olhos por 30 segundos antes de prosseguir. Observe a escuridão. Não é total. Prepare-se. Você ficará cego por curto tempo. Mas cego!

A luz bruxuleante das velas que iluminavam o menu seriam das últimas que veríamos por um breve longo tempo.

O garçom alto e charmoso pergunta: alguma alergia? Querem saber o que comerão ou surpresa? Óbvio que Mário disse: sim, surpresa! Vânia (antes MSD agora BMS), Luciene Reis e eu respondemos sem titubear que queríamos saber o que comeríamos no escuro. Comer no escuro! Todos lá embaixo são cegos. Tirem tudo que brilha e desliguem celu-

lares. Esse é o Noctivagus - Berlim.

Descemos a escadaria ansiosos pelo que veríamos. Veríamos? Nada veríamos! Sentiríamos! Mãos suando frio - as minhas pelo menos... Taquicardia. Fomos colocados em uma sala muito pequena, duas paredes e duas portas. Uma entra no breu. A outra levava para a luz da normalidade. E a estávamos deixando... Qualquer problema toquem a campainha. Mas que tipo de problema, pensei eu... Pânico? Sim, pânico, me respondi.

Ao som seco da porta que se fechou às nossas costas, a leve luz da minúscula antessala se apagou. A voz grave em inglês com sotaque alemão diz: sou

o Wolfgang e os atenderei. Façam uma fila, a mão no ombro do amigo da frente e me sigam.

E lá fomos nós para uma das aventuras mais inquietantes de nossas vidas.

Nunca havíamos experimentado o breu, inexpugnável, intransponível, para nós momentâneo. Imutável para quem é cego. Imutável para o Wolfgang. Fomos cegos por aproximadamente duas horas. A sensação de dependência e de insegurança é indescritível. O sentimento de cumplicidade, interdependência e amizade enorme. Caí no choro incontido. Não por mim! Pelo sofrimento dos cegos. Não veem a luz. A beleza. A feiura. Nada veem...

Todas as mãos se encontraram no meio da mesa e as minhas afagaram, consolando-me. As meninas choraram juntas. O menino em seu silêncio amigo. Cheiros, gostos, sons. Tudo vibra mais fortemente quando se é cego, mesmo que por curtas longas duas horas. Mário só descobriu que carne comeu quando o Wolfgang contou! E tomar sopa com a colher! E pegar a comida com o talher?! Cuidado! A sopa está muito quente! A leve variação da posição da cadeira de um de nós quase causou um acidente... Tudo é milimetrado. Tudo memorizado. Tudo vivenciado... no mais inimaginável breu: a cegueira total. «

# AASLD 2011

## O pãozinho da American

Mário Reis Álvares-da-Silva (RS)



sugar? O copo de papel vem fazer companhia ao pãozinho recostado solitário na bandeja plástica. Se houvesse uma telinha na traseira da poltrona à minha frente (não, não havia!), sua luz iluminaria a criação. Não me amarra dinheiro, não, mas elegância. Filas na porta, One Stockton St., Apple. A crise está feia no hemisfério norte, mas não nas lojas. God bless the Brazilians, neojaponeses, ninjas do consumo, e suas armas de plástico. Viva os cartões fumegantes dos filhos da Dona Dilma. A American não se deu conta disto, reserva para nós seus piores jatos, sua Prohibition e seus pãezinhos. As sacolas da prosperidade vão trocando de mãos - a história gira e não perdoa. Enquanto isso, médicos gregos continuam indo pro meeting de executiva - a indústria farmacêu-

Quem teve a ideia do pãozinho da American? Imagino o chef, anos de estudo, criando. Duas fatias, grelhadas à perfeição, uma polegada de puro queijo minas, branco e magrinho. Voilà! Petit-déjeuner, madrugada, noite escura, a aeromoça - uma senhora, a esta hora na rua? - pergunta pelo meu café: cream and

fica acredita na recuperação da Grécia. Que lindo! Outono na costa oeste, sol, frio gostoso, lots of homeless, ambulâncias, bombeiros e seus muitos decibéis, música e poluição sonora - San Francisco e sua movida um tanto maluca. Union Square em reforma (de novo), ruas lotadas, quase 10.000 participantes (exhibitors included) no Moscone West. Sanyal quem disse, uísque e champagne, cheers!, lobby do St Regis, feliz. Feliz também Guadalupe, nova presidente, dançando no City Hall - majestoso, som alto e luz na medida. Norah, ritmada e linda, Marina e Helena. Rita (enfim, baiana!), Plínio, Cláudia, Leila, Edna, Mários, Esther Little, compassos do Brasil. Marra, Vlad, Sanyal, sorridentes e suados. Pista cheia, como sempre estava a área dos pôsteres. Alta frequência e trabalhos interessantes. Muitos estudos brasileiros. Es-



American, se tirar o sapato não tem onde pôr. Melhor assim. Correção é tudo. Corretos, Galizzi e a poesia: a concretude de Alcatraz, a sedução das Alterosas, as armadilhas do celular. Caution: contents hot! Starbuck's, cup cakes, muffins, bagels, scones e a barriga, esta amiga que não guarda segredos. Godiva chocolate cheesecake ao homeless, o pacotinho em cima da poubelle da esquina, mesa improvisada, noite alta, ali onde já já vai abrir a Dior. Muito vento. No problem. Schwarzkopf, looks like gel, holds like glue. Nada se move, como encantada se movia a lagosta, Sino Straits, Singaporean food. Toda a minúcia, toda a delícia, o braço tatuado, mãos ao ombro, misteriosa rubra imagem saindo do macacão negro tomara-que-caia. Fina palha da costa que tudo se trance nos cabelos ruivos. A carne dura. Warm bread pudding, sabores do oriente, Oriental Pearl no domingo. Chinatown, chá de jasmim, música baixinha, a folha de lótus, seda envolvendo o arroz, abrindo-se aos poucos nas mesas. O funeral fluindo lento pelas ruas, metais e as delicadezas da música china, a fotografia da senhora morta, as lágrimas lavando os olhos de Dominique. Olhar estrangeiro. Não me amarra dinheiro, não, mas a cultura. Foley's, pub, cerveja preta e rock das antigas, danças de antanho. A velha Janis loira, como se acabara de injetar-se heroína, centro da pista, IMC 40, movendo os braços

tamos bem. Agora, é inundarmos as sessões orais. Todas as tramas da transa, Twin Peaks, acessórios e oral candies. Bebidas grátis nas Badlands. Charlie, Madonna, Cher e as Weather Girls. Matizes do rosa. Lotação máxima, diversão garantida, San Fran style. Erotismo, sensualidade, a origem do mundo no Totem do Soleil. Dominique-de-binóculo não perdeu um detalhe - ela nunca perde. La Mar, cebiches e causas, delícias peruanas, pimentas e ardores. Projec-tinho imanso, ciuortevida, vidavid. Outras palavras, Caetano e o menino, lançamento, novas histórias: "Na primeira classe da United dá pra viajar pelado". Na econômica da

e a cabeça, cadenciada, alheia. Muitas gravatas, bonecos do Financial District e gurias em grupo, mulheres que bebem e riem e dançam, ausentes mas atentas à entrada súbita dos young marines, the few, the proud, quality citizens, voltando. Brancos e jovens, fardas novas, quepes nas mãos, loiras nos braços, vestidas pra festa. Thank you for protecting us, disse alguém ao adolescente-de-quepe. Pure American. Fariam sucesso na Milk Square? Serviriam de modelo nas vitrinas das sex shops? Interromperiam Sound of Music no Castro Theatre? Muitas perguntas, como muitas perguntas houve no Ritz-Carlton, palácio branco, cerca de Nob Hill, templo para encefalopatia. Jas Bajaj, Butterworth, Mullen, mesa redonda, camembert, petit fours. Desígnios do controle da amônia. Mais perguntas ainda reservadas para o vírus C. San Francisco foi o primeiro congresso pós-aprovação dos inibidores de protease. Ecos da experiência clínica, limitada, mas impactante. As tendências exibidas. Lead-in e IL28B, ao menos, não derraparam no catwalk. As novas drogas, sim, que o mundo anda pouco tolerante.



Grandes resultados, mas são custo-efetivas? Seus efeitos adversos valem a pena? As variantes resistentes, sem riscos, mesmo? E as novíssimas? BI-201335 e seus SILEN-C 1 e 3, danoprevir e o ATLAS, vaniprevir, o quebra-língua daclastavir, o impressionante PSI-7977, o singular alisporivir, o narlaprevir e seu booster - pits-top - rápido?, e o MK5172, barbarizando a cada curva. Melhores em negros, nem aí para fibrose, ação de 2 a 4, muitos uma só vez ao dia. Espetáculo! E os interferons, que futuro? Lambda, cadê? Vêm aí tempos confusos - saca a QUAD therapy pra acabar de vez com tudo isso! Ou não, melhor sem PEGs, DUAL therapy, quem sabe. Melhor ainda, PEG-free mas com ribavirina, esta highlander. Esquemas que não acabam mais. E que tal o miravirsen? Em 2020, estima-se, 100% de resposta sustentada, infectos de volta à toca. Parece ficção. 2000, Dallas, último andar, festa grega, dançarinos em fila, sirtaki, pratos quebrando, lembram disso? Euforia: 40%, mal sabíamos onde tudo iria dar. Beleza pura. Não me amarra dinheiro, não, mas os mistérios. «



Garantir seu acesso ao conteúdo do XXI Congresso Brasileiro de Hepatologia é fácil, rápido e seguro, através do pagamento das aulas via depósito bancário no site da SBH. Os associados adimplentes da SBH poderão adquirir as aulas por R\$ 150. Para associados que não estão em dia e não associados o valor é R\$ 210.

## Train the Trainers

foi destaque no Jornal da FBG. Editorial do presidente José Galvão-Alves comentou sobre o sucesso do encontro realizado em agosto de 2001 em Porto Alegre, e a forma de seleção dos participantes brasileiros “criteriosamente selecionados por seus currículos e região do país”, o que segundo ele contribuiu para uma “troca científico-cultural da mais alta importância”. Na reportagem no corpo do Jornal, Henry Cohen, presidente da World Gastroenterology Organisation, salientou que “este TTT foi um duplo desafio, pois foi o primeiro em língua não inglesa e ainda totalmente lati-

no-americano”. Ele disse sentir-se orgulhoso com o evento, “excelente sob o prisma acadêmico, na sua organização e na programação social”. “Não poderia ter sido em lugar melhor”, acrescentou.

## Heitor Rosa, Fábio Marinho, Nelma Santana, Raymundo Paraná, Adalgisa Ferreira e Edison Parise

são alguns dos 38 membros do grupo SBH no Facebook. Ainda somos poucos! É hora de aumentarmos a participação. A SBH no Facebook vem com muitas fotografias de momentos da nossa sociedade. Confira as fotos do Congresso Brasileiro de Salvador e da Monotemática de Encefalopatia Hepática, entre outros eventos.

## Foi um sucesso a Monotemática de Colestases,

encerrando o ano de 2011 em São Paulo. Aguarde a programação das monotemáticas SBH para 2012.

Victorino Spinelli, ex-presidente da SBH, comentou para o Boletim SBH: *“SBAD e Congresso Brasileiro de Hepatologia são grandes eventos. Devem ser mantidos independentes. A fusão seria uma perda!”*

**Residência em Hepatologia. Agora é oficial.** A partir de março deste ano, para médicos especialistas em Gastroenterologia, Clínica Médica ou Infectologia, com 2 anos de duração. Uma vitória da SBH!

Programe-se desde já. Atenção para as datas dos eventos nacionais de fígado em 2012:

Encontro	Local	Data
FITx	São Paulo (SP)	19 a 21 de abril
Workshop Brasil-Inglaterra	Recife (PE)	3 a 5 maio
Semana de Fígado	Rio de Janeiro (RJ)	24 a 26 maio
Hepatoaids	São Paulo (SP)	22 a 23 junho
Hepatologia do Milênio	Salvador (BA)	5 a 7 julho
WIAH	Curitiba (PR)	2 a 4 agosto
Joint Meeting Liver & IBD	Praia do Forte (BA)	5 a 8 agosto
USP-Barcelona	São Paulo (SP)	7 e 8 setembro

# SUPERIORIDADE EVIDENCIADA<sup>1</sup>, CURA COMPROVADA<sup>2</sup>.

## PREPARE-SE PARA A EVOLUÇÃO



**REFERÊNCIAS:** 1 - Awad T, Thorlund K, Hauser G, Stimac D, Mabrouk M, Gluud C. Peginterferon alpha-2a is associated with higher sustained virological response than peginterferon alfa-2b in chronic hepatitis C: systematic review of randomized trials. *Hepatology* 2010;51(4):1176-84. 2 - Swain MG, Lai MY, Shiffman ML. A sustained virologic response is durable in patients with chronic hepatitis C treated with peginterferon alfa-2a and ribavirin. *Gastroenterology* 2010;139:1593-1601. 3 - Zeuzem S. Interferon-based therapy for chronic hepatitis C: current and future perspectives. *Nature Clinical Practice Gastroenterology & Hepatology* 2008;5(11):610-22.

**Pegasys® (alfapeginterferona 2a) é contraindicado em pacientes com hipersensibilidade conhecida às alfainterferonas. Pegasys® (alfapeginterferona 2a) - o uso concomitante de teofilina deve ser monitorado e ajustado.**

**Pegasys® (alfapeginterferona 2a)** - Caixa com 1 seringa preenchida de 180 mcg em 0,5 mL. - USO ADULTO - **Composição:** alfapeginterferona 2a - **Indicações:** tratamento das hepatites crônicas B e C em pacientes não cirróticos e cirróticos com doença hepática compensada; tratamento da hepatite crônica C em pacientes coinfetados com o vírus HIV e retratamento da hepatite crônica C em pacientes que falharam em obter resposta virológica sustentada, após tratamento prévio com alfainterferona ou alfapeginterferona, combinada ou não à ribavirina. - **Contraindicações:** hipersensibilidade conhecida ao interferon alfa, a produtos derivados de *Escherichia coli*, ao polietilenoglicol ou a qualquer componente do produto. Hepatite autoimune, cirrose descompensada, neonatos e crianças até 3 anos de idade. A combinação Pegasys® (alfapeginterferona 2a)/ ribavirina não deve ser usada em mulheres grávidas ou durante a lactação. Consulte também a bula da ribavirina. - **Precauções e advertências:** interação medicamentosa com a teofilina é observada; desta forma, deve-se monitorar a teofilina sérica e ajustar suas doses nos pacientes que receberem teofilina e alfapeginterferona 2a concomitante. Mulheres em idade fértil devem usar contracepção eficaz e segura durante a terapia. Uso na lactação não recomendado. Realizar exames oftalmológicos se alterações visuais ocorrerem. Descontinuar no caso de hipersensibilidade, alterações pulmonares ou disfunção hepática. Precaução em pacientes com doenças autoimunes e monitorização de sintomas de depressão, de doença cardíaca e dos hormônios da tireoide. Usar com precaução quando associado a agentes mielossupressores e em pacientes com neutrófilos na linha basal < 1500 células/mm<sup>3</sup>, plaquetas < 75.000 células/mm<sup>3</sup> ou hemoglobina < 10g/dL. Os pacientes que desenvolvem vertigem, confusão, sonolência ou fadiga não devem dirigir veículos ou operar máquinas. - **Reações adversas:** mais frequentes: leucopenia, neutropenia, plaquetopenia, depressão, dispnéia, fadiga, cefaleia, febre, mialgia, calafrios e alopecia. Menos frequentes: anormalidades da tireoide, arritmia cardíaca, suicídio, sangramento gastrointestinal, úlcera de córnea, hemorragia retiniana, descolamento de retina, endocardite, pneumonite intersticial com resultado fatal, embolia pulmonar, coma e hemorragia cerebral. - **Posologia: Hepatite crônica C** - 1 seringa preenchida, pronta para o uso, de Pegasys® (alfapeginterferona 2a) 180 mcg/semana, individualmente ou em combinação com a ribavirina. Recomenda-se que a ribavirina seja administrada com alimentação nas seguintes dosagens: para genótipos 1 e 4 - 1.000 mg/dia (<75 kg) ou 1.200 mg/dia (≥75 kg), e genótipos 2 e 3 devem receber ribavirina 800 mg/dia. Hepatite crônica C, pacientes virgens de tratamento - Para combinação Pegasys® (alfapeginterferona 2a) e ribavirina em pacientes virgens de tratamento recomenda-se: 48 semanas de tratamento para genótipos 1 e 4, e 24 semanas para genótipos 2 e 3. Pacientes genótipo 1, 2 e 3 com HCV RNA indetectável na 4ª semana de terapia e com carga viral pré-tratamento ≤800.000UI/mL poderão encurtar o tempo de tratamento, ou seja, 24 semanas no caso de pacientes infectados pelo genótipo 1, e 16 semanas para pacientes genótipos 2 ou 3. Pacientes genótipo 4 com HCV RNA indetectável na 4ª semana de tratamento poderão também encurtar o tempo da terapia para 24 semanas. Entretanto, um tratamento de duração menor pode estar associado a um risco maior de recidiva. Hepatite crônica C, pacientes em retratamento - O retratamento de pacientes genótipos 2 e 3 deverá ser feito com a combinação Pegasys® (alfapeginterferona 2a) e ribavirina por 48 semanas, e os pacientes genótipo 1 deverão receber 72 semanas de terapia. A dose de ribavirina deve ser de 1.000 mg/dia (<75 kg) ou 1.200 mg/dia (≥75 kg), independentemente do genótipo. Hepatite crônica B - 1 seringa preenchida, pronta para o uso, de Pegasys® (alfapeginterferona 2a) 180 mcg/semana, por 48 semanas. - via de administração: subcutânea no abdômen ou coxas. - venda sob prescrição médica. - Registro Ms - 1.0100.0565 - **A PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVE SER CONSULTADO.** - USO RESTRITO A HOSPITAIS. - **Pegasys® (alfapeginterferona 2a) é um medicamento. Durante seu uso, não dirija veículos ou opere máquinas, pois sua agilidade e atenção podem estar prejudicadas. Este é um medicamento novo e, embora as pesquisas tenham indicado eficácia e segurança aceitáveis para comercialização, efeitos indesejáveis e não conhecidos podem ocorrer.** - Informações disponíveis à classe médica mediante solicitação a produtos Roche Químicos e farmacêuticos s.a. - Av. Engenheiro Billings, 1.729 - Jaguaré - CEP 05321-900 - São Paulo - SP - Brasil.

Direitos Reservados - é proibida a reprodução total ou parcial sem prévia autorização de Produtos Roche Químicos e Farmacêuticos S.A. Esta é uma publicação técnico-científica para distribuição exclusiva a profissionais habilitados a prescrever ou dispensar medicamentos.